

A EXPRESSÃO AFETIVA NA ESTILÍSTICA COMPUTACIONAL: EXPLORANDO SENTIMENTOS E EMOÇÕES EM TEXTOS GERADOS POR IA

Fernando Rodrigues Peres (UEL)

fernando.peres@uel.br

Edina Regina Pugas Panichi (UEL)

edinapanichi@sercomtel.com.br

RESUMO

A Estilística Computacional, ramo da Linguística Computacional, aplica métodos estatísticos e algoritmos com o objetivo de analisar, compreender e gerar linguagem semelhante ao do ser humano, combinando a Linguística, Ciência da Computação e Inteligência Artificial para o estudo e Processamento da Linguagem Natural por meio de modelos computacionais. Esta pesquisa explora como modelos de IA, baseados em Processamento de Linguagem Natural e Computação Afetiva, identificam e reproduzem emoções em textos gerados automaticamente. A pesquisa investiga a relação entre Computação Afetiva e Linguística Computacional, para entender como são discutidos os desafios e limitações da IA na detecção e representação de sentimentos, incluindo a influência dos dados de treinamento e das arquiteturas de modelos utilizados. Os resultados evidenciam avanços na humanização da linguagem artificial, assim como na representação afetiva dos sistemas autômatos. O estudo contribui para a compreensão da interação entre algoritmos e emoção na escrita, abrindo caminhos para o aprimoramento de sistemas de IA mais expressivos e sensíveis à subjetividade humana.

Palavras-chave:

Estilística. Linguística. Inteligência Artificial.

ABSTRACT

Computational Stylistics, a branch of Computational Linguistics, applies statistical methods and algorithms to analyze, understand, and generate language similar to human communication. It combines Linguistics, Computer Science, and Artificial Intelligence to study and process natural language through computational models. This research explores how AI models, based on Natural Language Processing and Affective Computing, identify and reproduce emotions in automatically generated texts. The study investigates the relationship between Affective Computing and Computational Linguistics to examine the challenges and limitations of AI in detecting and representing emotions, including the influence of training data and model architectures. The findings highlight significant advances in the humanization of artificial language, as well as in the affective representation of autonomous systems. This study contributes to a deeper understanding of the interaction between algorithms and emotion in writing, paving the way for the development of AI systems that are more expressive and sensitive to human subjectivity.

Keywords:

Linguistics. Stylistics. Artificial Intelligence.

1. Introdução

A linguagem sempre foi entendida como uma das expressões mais complexas da condição humana, não apenas por sua função comunicativa,

mas por sua capacidade de transmitir emoções, construir identidades e gerar sentido em contextos sociais diversos. Com o advento da Inteligência Artificial (IA), especialmente em sua vertente generativa, essa prerrogativa humana passa a ser compartilhada por sistemas capazes de produzir textos que, à primeira vista, não apenas comunicam, mas também expressam. A presença de emoções, sentimentos e tons afetivos em discursos gerados por IA desafia fronteiras epistemológicas entre máquina e sujeito, entre simulação e autenticidade.

Nesse cenário, a Estilística Computacional desponta como um campo essencial para compreender como padrões linguísticos e estruturas discursivas são manipuladas algoritmicamente na construção do estilo textual artificial. Mais do que reconhecer marcas superficiais de autoria, a estilística contemporânea busca interpretar escolhas linguísticas que conferem identidade ao discurso. Como discute Burrows (2002), o estilo é aquilo que permanece quando o conteúdo varia, revelando padrões profundos mesmo sob formas aparentemente neutras ou genéricas.

A dimensão afetiva desse estilo torna-se especialmente relevante quando os textos gerados por IA são voltados a contextos que exigem sensibilidade emocional – como saúde mental, educação ou atendimento ao público. Nesse sentido, a Computação Afetiva, conceito proposto por Rosalind Picard, introduz a ideia de que máquinas podem reconhecer, interpretar e até expressar emoções humanas. Picard defende que para que a computação seja verdadeiramente responsiva, ela deve considerar o estado emocional do usuário (Picard, 1997), o que envolve modelagens complexas da experiência afetiva.

No entanto, essa proposta não está isenta de críticas. Sloman (1999) argumenta que, embora padrões fisiológicos ou linguísticos possam ser reconhecidos por máquinas, isso ocorre sem qualquer vivência consciente ou empatia autêntica. Isso nos leva à necessidade de compreender a expressão afetiva artificial não como emoção experienciada, mas como *performance* linguística, e nesse ponto, a linguística computacional se alia à Estilística para analisar os modos como essas performances são produzidas.

A Linguística Computacional, ao integrar métodos de Processamento de Linguagem Natural (PLN), análise semântica e modelagem sintática, fornece os instrumentos para que os sistemas de IA possam reconhecer padrões afetivos em dados textuais e, com base neles, construir respostas que simulem cuidado, empatia, entusiasmo ou pesar. Como destaca Grishman (1986), o objetivo do processamento semântico é construir uma representação do significado da sentença que possa ser utilizada para tarefas

posteriores, como recuperação de dados ou inferência, o que implica a necessidade de ir além da mera estrutura superficial.

A inserção de emoções na linguagem artificial, entretanto, levanta dúvidas sobre a autenticidade dessas manifestações. Quando um agente conversacional afirma “sinto muito pela sua perda”, há um deslocamento entre o valor semântico da frase e a ausência de experiência subjetiva por parte da máquina. Essa assimetria entre forma e intenção foi abordada por Ferrario *et al.* (2024), da seguinte maneira:

A humanização tem como objetivo desenvolver a IA conversacional (CAI) com a finalidade de simular habilidades e traços humanos, como humor, empatia e cortesia. Isso é diferente de antropomorfismo, que se refere à tendência dos usuários de atribuir à IA conversacional características e habilidades humanas embora a CAI de fato precise ser intencionalmente projetada para imitar os humanos¹. (Ferrario *et al.*, 2024, p. 3) (tradução nossa)

A análise da expressão afetiva em discursos gerados por Inteligência Artificial demanda uma abordagem metodológica que articule dimensões estilísticas, linguísticas e éticas. O estilo textual não deve ser concebido apenas como um conjunto de escolhas formais ou estéticas, mas como o modo pelo qual a emoção é construída, representada e percebida no discurso. Mesmo em contextos de simulação algorítmica, há uma performance de subjetividade que se manifesta na escolha lexical, na sintaxe, na entonação e na organização retórica do texto. Como observam Mihalcea e Strapparava (2006), a emoção textual não se limita às palavras isoladas, mas também se manifesta na forma como elas são organizadas e combinadas no discurso.

Além disso, o crescimento do uso de IA em setores sensíveis, como o cuidado terapêutico, exige uma crítica das implicações sociais e psicológicas da afetividade simulada. Estudos recentes (Elyoseph *et al.*, 2023) mostram que usuários de plataformas de aconselhamento automatizado podem desenvolver vínculos emocionais reais com sistemas incapazes de reciprocidade, o que pode gerar frustrações, dependência afetiva e até agravamento de quadros depressivos. A fronteira entre emoção performática e relação subjetiva precisa, portanto, ser claramente delimitada.

¹ No original: Humanization is intended to develop CAI with the goal of simulating human abilities and traits, such as humor, empathy, and politeness. It is different from anthropomorphism”.

2. Estilística Computacional e a Representação do Estilo na Linguagem Algorítmica

A Estilística Computacional é uma área da Linguística que utiliza métodos estatísticos e ferramentas computacionais para identificar padrões estilísticos em grandes volumes de texto. Diferentemente das abordagens tradicionais, que se baseiam em análises subjetivas, essa vertente aplica técnicas quantitativas para reconhecer características formais consistentes na linguagem escrita. Segundo Burrows (2002), é possível “reconhecer a assinatura linguística de um autor mesmo onde o conteúdo não o denuncia”² (2002, p. 26, tradução nossa), o que destaca o papel das estruturas linguísticas como marcadores de estilo. A partir de métricas como frequência de palavras-função, variação sintática e distribuição lexical, a Estilística Computacional permite comparar textos, atribuir autoria e detectar traços de identidade discursiva com maior objetividade e precisão.

Com o avanço da Inteligência Artificial, a Estilística Computacional passa a lidar com um novo objeto: os textos gerados por máquinas. Diferentemente da análise de produções humanas, esses textos não têm um sujeito empírico por trás das escolhas linguísticas. O estilo, nesse caso, torna-se uma propriedade emergente do modelo algorítmico, condicionado pelo corpus de treinamento, pelos parâmetros arquitetônicos e pelas instruções fornecidas.

A representação do estilo em discursos gerados por Inteligência Artificial baseia-se na recombinação estatística de padrões linguísticos extraídos de grandes corpora humanos. Esses padrões permitem simular variações de autoria, gêneros e tons discursivos, sem a necessidade de intenção comunicativa consciente. Jockers (2013) observa que os métodos de estilometria são eficazes para medir e comparar estruturas linguísticas em larga escala, possibilitando a identificação de tendências de estilo em milhares de textos simultaneamente. No caso da linguagem algorítmica, isso significa que o “estilo” emergente é estatístico e derivado, funcionando como um reflexo probabilístico da linguagem humana, e não como manifestação autoral original.

No contexto da estilística afetiva, o estilo pode ser analisado não apenas por meio da escolha lexical, mas também pela frequência e intensidade de expressões emocionais. Pesquisas de Mihalcea e Strapparava (2006) indicam que as emoções estão distribuídas em diversos níveis da linguagem, abrangendo desde a seleção vocabular até estruturas mais am-

² No original: “it is possible to recognize an author’s linguistic signature even where the content does not give him away”.

plas do discurso. Isso sugere que a análise estilística deve levar em conta não apenas palavras isoladas, mas também aspectos como a organização discursiva, os tempos verbais utilizados e a presença de recursos retóricos – como interjeições, perguntas retóricas e exclamações – que revelam o grau de envolvimento afetivo presente na comunicação.

A representação computacional do estilo algorítmico pode ser vista como um sistema de probabilidades: a máquina aprende que certas palavras, estruturas ou ritmos ocorrem com maior frequência em determinados contextos, e ajusta sua produção textual para simular tais padrões. Essa simulação, embora eficaz, é limitada pela ausência de intencionalidade. Como argumenta Sloman (1999), a máquina não possui consciência do que escreve, seu estilo é produto de operações computacionais e não de experiências vividas. O que se obtém, portanto, é uma *performance* de estilo, e não uma expressão subjetiva genuína.

Por essa razão, a Estilística Computacional não deve ser encarada apenas como uma ferramenta de análise textual, mas também como um campo de reflexão crítica sobre autoria, criatividade e autenticidade na era da linguagem artificial. A simulação estilística não elimina a necessidade de interpretação: é fundamental interrogar os objetivos, os contextos e os limites do estilo gerado por Inteligência Artificial. Craig (1999) argumenta que o que realmente diferencia o estilo autêntico da mera imitação não é apenas sua forma exterior, mas a intencionalidade que o motiva – algo que os sistemas computacionais ainda não são capazes de reproduzir, genuinamente.

Por meio dessa ponderação, a Estilística Computacional oferece recursos técnicos e teóricos valiosos para a análise da linguagem gerada por IA. Ao identificar padrões, medir variações e interpretar formas, ela possibilita avaliar a qualidade e a consistência dos estilos algorítmicos. Contudo, ao mesmo tempo, ela revela os limites da artificialidade, apontando para o abismo entre a variação formal e a intenção criativa.

3. *Computação Afetiva e a Simulação de Emoções por Inteligência Artificial*

Na prática, os sistemas de Computação Afetiva utilizam sensores fisiológicos, expressões faciais, variações de voz, movimentos corporais e linguagem textual para inferir os estados emocionais dos usuários. Quando aplicada à geração de linguagem, a Computação Afetiva cruza suas fronteiras com o Processamento de Linguagem Natural (PLN) e com a Estilística Computacional, integrando marcadores linguísticos emocionais em respos-

tas textuais geradas por modelos computacionais. A máquina não sente, mas é capaz de simular, por meio de padrões de aprendizado profundo, a forma como humanos normalmente expressam emoções, em determinado contexto.

Entretanto, a simulação emocional por Inteligência Artificial levanta questionamentos significativos sobre autenticidade e intenção comunicativa. Ainda que esses sistemas não possuam estados emocionais reais, eles têm sido amplamente aplicados em contextos sensíveis, como no suporte ao bem-estar emocional de usuários. Estudos recentes demonstram que tais tecnologias podem auxiliar momentaneamente, embora não substituam a complexidade relacional e empática do contato humano (Elyoseph *et al.*, 2023). Como aponta Tavory (2024), existe o risco de que a empatia artificial, embora convincente na superfície, acabe por ocultar a ausência de uma verdadeira responsabilidade afetiva por parte das máquinas.

Do ponto de vista técnico, a inserção de emoção nos discursos gerados por Inteligência Artificial envolve a identificação de elementos lexicais, sintáticos e discursivos que carregam valor afetivo. Isso abrange a escolha de adjetivos com carga emocional, o uso de frases exclamativas, repetições enfáticas, metáforas e interjeições. Mihalcea e Strapparava (2006) destacam que a emoção textual não se restringe a palavras isoladas, mas se manifesta também na maneira como elas são combinadas e estruturadas ao longo do discurso. A Computação Afetiva, portanto, depende não apenas do léxico, mas também do estilo adotado pelo sistema.

No entanto, a crescente naturalização da empatia artificial exige vigilância crítica. Ferrario, Sedlakova e Trachsel (2024) alertam para os riscos éticos envolvidos na atribuição de emoções a sistemas desprovidos de consciência, especialmente quando essa atribuição promove a manipulação afetiva ou compromete a autenticidade das relações sociais. Em contextos como ambientes de trabalho, instituições educacionais e serviços de saúde, a dependência emocional de assistentes artificiais pode levar à despersonalização das interações humanas e à ampliação de desigualdades na distribuição do cuidado.

Portanto, a Computação Afetiva, quando aplicada à geração de linguagem, oferece um campo fértil para a análise da emoção enquanto construção estilística algorítmica.

4. *Linguística Computacional e Processamento Emocional na Geração de Texto*

A Linguística Computacional é a área que estuda a linguagem humana por meio de métodos computacionais, com o objetivo de desenvolver modelos capazes de compreender, interpretar, processar e gerar linguagem natural. Embora tradicionalmente voltada à análise estrutural da língua – como morfologia, sintaxe e semântica –, a área tem se expandido para incluir aspectos pragmáticos, discursivos e afetivos da comunicação. Com o avanço da Inteligência Artificial (IA), especialmente no campo do Processamento de Linguagem Natural (PLN), tornou-se possível explorar também as dimensões emocionais presentes nos discursos.

A aplicação da Linguística Computacional à análise e à produção de discursos emocionais representa um avanço significativo, mas também impõe responsabilidades éticas e metodológicas. É preciso garantir que esses sistemas respeitem a diversidade linguística, não reforcem estereótipos emocionais e sejam transparentes quanto às suas limitações.

Rosalind Picard (1997), ao propor o campo da Computação Afetiva, reforçou a ideia de que os sistemas inteligentes deveriam ser dotados de capacidades emocionais mínimas, não para sentir, mas para adaptar seu comportamento com base no estado emocional do usuário. Segundo ela, “As emoções influenciam a cognição, e a cognição influencia as emoções”³ (Picard, 1997, p. 31, tradução nossa). Assim, modelos computacionais começaram a incorporar variáveis emocionais como parte da arquitetura de controle dos agentes artificiais.

Críticos como Sloman (1999) alertam que muitos modelos de Inteligência Artificial ainda operam com concepções simplificadas de emoção, frequentemente baseadas em listas predefinidas de estados afetivos ou em marcadores fisiológicos superficiais. Essa abordagem tende a desconsiderar a complexidade estrutural das emoções humanas, que não podem ser reduzidas a respostas automáticas a estímulos. Como propõe Sloman (1999), a emoção humana está profundamente entrelaçada à estrutura motivacional e à arquitetura social do indivíduo. Ignorar essa complexidade pode resultar na criação de agentes artificiais que apenas aparentam sensibilidade emocional, sem qualquer compreensão genuína de seu significado funcional, relacional ou social. Tais sistemas podem simular empatia e expressar sentimentos, mas carecem de consciência, intencionalidade e capacidade de situar a emoção no contexto de uma história pessoal ou cul-

³ No original: “Emotions influence cognition, and cognition influences emotions”.

tural, o que limita sua autenticidade e confiabilidade em interações sensíveis.

Outro desafio para a modelagem afetiva reside na codificação do contexto. Emoções, em humanos, não surgem isoladas, mas são determinadas por histórias de vida, normas sociais e expectativas culturais. Uma reação de indignação, por exemplo, depende de uma avaliação moral que envolve julgamentos implícitos e valores subjetivos.

Dessa forma, a modelagem cognitiva de emoções em IA representa uma tentativa relevante de incorporar a complexidade afetiva à racionalidade artificial. Ainda que os sistemas não experienciem emoções como os humanos, sua capacidade de simular reações coerentes e adaptativas pode ser útil em contextos específicos. O desafio, no entanto, é garantir que essas simulações respeitem os limites éticos, reconhecendo que, por trás do comportamento “emocional” da máquina, não há consciência, sofrimento ou vínculo – apenas cálculo.

5. *Ética, empatia e autenticidade na expressão emocional artificial*

O desenvolvimento de sistemas capazes de simular empatia e expressar emoções por meio da linguagem artificial suscita importantes questões éticas, filosóficas e sociais. Em um contexto em que assistentes virtuais, *chatbots* e personagens artificiais assumem funções de aconselhamento, escuta e interação afetiva, torna-se imprescindível refletir sobre os limites e as implicações da substituição simbólica da emoção humana pela performance computacional. A autenticidade emocional, nesse cenário, é colocada à prova – o que se expressa não apenas como uma questão de engenharia, mas como um desafio ético.

A principal tensão reside entre aparência e essência, com o questionamento se um sistema que simula emoção ser considerado empático ou não. Rubin *et al.* (2024) argumentam que sua resposta é essencialmente sem custo, e reagiria com entusiasmo comparável a qualquer outra pessoa e como resultado, a empatia da IA conversacional não transmite cuidado autêntico, nem indica que o destinatário tenha alguma importância única. Assim, mesmo que o discurso da IA gere conforto ou acolhimento, isso não significa que haja empatia genuína.

Esse debate torna-se ainda mais relevante em ambientes sensíveis, como a saúde mental. Estudos recentes mostram que usuários de sistemas de aconselhamento automatizado frequentemente projetam expectativas humanas nas interações com a máquina. Elyoseph *et al.* (2023) demonstram que, em casos de fragilidade emocional, há uma tendência à antropo-

morfização do sistema, o que pode levar à dependência afetiva. Quando os usuários atribuem à IA capacidades que ela não possui – como compaixão, julgamento moral ou lealdade – abre-se um risco real de manipulação involuntária.

A autenticidade, nesse contexto, deve ser entendida não como uma propriedade do sistema, mas como um pacto comunicativo. Como observa Tavory (2024), as fronteiras entre a empatia artificial e a humana podem se tornar difusas, especialmente em contextos terapêuticos, o que pode levar à confusão relacional. Por isso, a transparência sobre a natureza algorítmica da interlocução deve ser assegurada, especialmente quando há envolvimento emocional. Ocultar o fato de que se trata de uma máquina pode representar um tipo sutil de violação da autonomia do usuário.

A ética da expressão afetiva artificial também deve levar em conta as assimetrias sociais e as vulnerabilidades específicas dos usuários. Crianças, idosos, pessoas em sofrimento psíquico ou em situações de isolamento são mais propensas a estabelecer vínculos com agentes artificiais. Rubin *et al.* (2024) destacam que a empatia expressa por agentes conversacionais baseados em IA tende a ser genérica e não personalizada, o que compromete a percepção de cuidado autêntico por parte do usuário, especialmente em contextos de vulnerabilidade emocional.

Outro ponto sensível refere-se à coleta e uso de dados emocionais. A leitura de expressões faciais, variações de voz ou palavras-chaves para inferir emoções pode implicar na captura de dados extremamente íntimos, muitas vezes sem o devido consentimento. Pasquale (2024) aponta que a emoção, quando quantificada, corre o risco de ser transformada em métrica de produtividade, engajamento ou conformidade – o que representa uma forma de vigilância emocional, abordando que “O respeito pela autonomia intelectual e emocional precisa estar no centro das leis e políticas sobre computação afetiva”⁴ (Pasquale, 2024, p. 3, tradução nossa).

Além disso, a simulação emocional bem-sucedida por IA levanta a questão da responsabilidade. Se um *chatbot* encoraja um usuário a tomar uma decisão delicada, como romper um relacionamento ou iniciar um tratamento, quem será responsabilizado por eventuais consequências negativas? A ausência de consciência e de responsabilidade moral por parte do sistema cria um vácuo ético. Como aponta Sloman (1999), mesmo que as máquinas sejam capazes de simular comportamentos afetivos, essas expressões não estão fundamentadas em valores ou intenções morais, mas em

⁴ No original: “Respect for intellectual and emotional autonomy needs to be at the core of affective computing law and policy”.

regras operacionais, o que as distancia fundamentalmente da empatia humana.

O desenvolvimento de diretrizes éticas para a empatia artificial exige, portanto, o envolvimento interdisciplinar de especialistas em IA, Linguística, Psicologia, Direito e Filosofia. O campo emergente da ética do cuidado tem sido apontado como uma base promissora para regular tais interações.

Por fim, a autenticidade na expressão emocional artificial não deve ser confundida com naturalidade ou eficácia comunicativa. Mesmo que um discurso gerado por IA soe empático, é essencial que os interlocutores compreendam sua natureza não humana e seus limites semânticos. Como defende Picard (1997), as informações afetivas devem ser tratadas com respeito e discrição, e seu uso por sistemas computacionais requer um escrutínio ético rigoroso, especialmente no que diz respeito à privacidade e à sensibilidade emocional dos indivíduos.

6. Considerações Finais

A investigação sobre a expressão afetiva na linguagem artificial revela a complexidade e os múltiplos níveis que envolvem a relação entre estilo, emoção e tecnologia. Essa constatação não é trivial, pois desafia fronteiras entre o humano e o artificial no campo da linguagem.

A Estilística Computacional, como foi apresentado, oferece uma metodologia robusta para identificar e quantificar padrões linguísticos que se repetem em textos, inclusive naqueles gerados por IA. Ainda que o conceito de estilo, historicamente vinculado à noção de autoria, sofra deslocamentos em contextos algorítmicos, ele não perde seu valor descritivo e interpretativo.

A Computação Afetiva complementa esse quadro ao introduzir a dimensão emocional como variável central na modelagem de agentes inteligentes. Embora a IA não sinta emoções, ela pode simular seus efeitos na linguagem e no comportamento comunicativo. Isso se dá por meio de mapeamentos linguísticos, prosódicos e contextuais que possibilitam que o sistema reaja de forma adaptativa a estímulos verbais emocionalmente marcados. A capacidade de “parecer sentir” transforma a IA em agente simbólico de empatia, ainda que sem vivência afetiva.

Entretanto, essa capacidade simulada levanta dilemas éticos profundos, sobretudo quando a linguagem emocional gerada por IA é empregada em contextos sensíveis. A ética da empatia artificial exige, assim, princí-

pios claros de transparência, responsabilidade e respeito à autonomia emocional dos usuários – especialmente os mais vulneráveis.

A Linguística Computacional, por sua vez, revelou-se essencial para o reconhecimento e o tratamento computacional da emoção no discurso. A combinação de semântica, sintaxe e pragmática em ambientes algorítmicos permite que os modelos identifiquem tons afetivos mesmo sem palavras emocionalmente explícitas. Contudo, como visto, aspectos como ironia, ambiguidade ou complexidade afetiva ainda escapam à maioria dos sistemas, revelando limites importantes na representação computacional da subjetividade.

A contribuição da Modelagem Cognitiva foi decisiva para mostrar que os modelos de IA capazes de processar emoções utilizam arquiteturas hierárquicas, nas quais os estados emocionais simulados servem para modular atenção, tomada de decisão e respostas. Ainda que essas emoções não sejam experimentadas, elas exercem função funcional, reorganizando prioridades e influenciando escolhas. A ideia de emoção como “recurso de controle” (Beaudoin, 1994) reforça sua importância não apenas na comunicação, mas na inteligência artificial como um todo.

Com base nas análises teóricas apresentadas, é possível concluir que a expressão afetiva em discursos gerados por IA não é espontânea, mas calculada. Ainda assim, ela pode ser suficientemente sofisticada para enganar, como bem alertam autores como Sloman (1999) e Ferrario *et al.* (2024). Essa duplicidade entre a eficácia técnica e a ausência de autenticidade afetiva marca o paradoxo da linguagem emocional algorítmica: ela funciona, mas não sente.

Por essa razão, o debate não pode se limitar à eficácia funcional da IA, mas deve envolver também sua inserção ética na sociedade. As emoções simuladas por máquinas não substituem o cuidado humano, nem devem obscurecer o valor da empatia real. É fundamental que pesquisadores, desenvolvedores, legisladores e educadores participem da construção de parâmetros normativos que regulem o uso de linguagem afetiva artificial, especialmente em contextos como educação, saúde e relações de trabalho.

Este estudo, de natureza teórica e exploratória, não esgota o tema, mas pretende abrir caminhos para investigações futuras. Estudos empíricos sobre recepção de textos emocionais gerados por IA, análises estilísticas comparativas entre discursos humanos e artificiais, bem como pesquisas sobre o impacto psicológico da empatia simulada em usuários são desdobramentos possíveis e desejáveis. Além disso, a integração entre Estilística Computacional e análise crítica do discurso pode ampliar as ferramentas de leitura da linguagem emocional digital.

Por fim, reafirma-se que, embora a IA seja capaz de simular emoções com surpreendente verossimilhança, a autenticidade continua sendo um atributo intransferível da experiência humana. A linguagem gerada por algoritmos pode consolar, motivar, até emocionar – mas não sente. E é justamente no reconhecimento desse limite que reside a base para uma convivência ética entre humanos e máquinas na era da linguagem computacional.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BEAUDOIN, Luc P. *Goal processing in autonomous agents*. Birmingham: The University of Birmingham, 1994. Disponível em: <https://citeseerx.ist.psu.edu/document?doi=382135c4379c08253810ef8f5823c469af6b69df>. Acesso em: 01 abr. 2025.

BURROWS, John. *Computational stylistics*. London: Athelstan, 2002.

CRAIG, Hugh. *Stylistic analysis and authorship studies*. Amsterdam: Rodopi, 1999.

DAMASIO, Antonio R. *O erro de Descartes: emoção, razão e o cérebro humano*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

ELYOSEPH, Ziv *et al.* Capacity of generative AI to interpret human emotions from visual and textual data: pilot evaluation study. *JMIR Mental Health*, Washington: JMIR Publications, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.2196/54369>. Acesso em: 20 fev. 2025.

FERRARIO, Andrea; SEDLAKOVA, Jana; TRACHSEL, Matthias. The role of humanization and robustness of large language models in conversational artificial intelligence for individuals with depression: a critical analysis. *JMIR Mental Health*, Washington: JMIR Publications, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.2196/56569>. Acesso em: 20 fev. 2025.

GRISHMAN, Ralph. *Computational linguistics: an introduction*. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.

JOCKERS, Matthew. *Macroanalysis: digital methods and literary history*. Urbana: University of Illinois Press, 2013.

MIHALCEA, Rada; STRAPPARAVA, Carlo. The lie detector: explorations in the automatic recognition of deceptive language. Amsterdam: Springer, 2006. Disponível em: <https://dl.acm.org/doi/pdf/10.5555/1667583.1667679>. Acesso em: 20 fev. 2025.

PASQUALE, Frank. Affective computing at work: rationales for regulating emotion attribution and manipulation. New York: *SSRN Electronic Journal*, 2024. Disponível em: <https://papers.ssrn.com/abstract=4826775>. Acesso em: 20 fev. 2025.

PICARD, Rosalind W. *Affective computing*. Cambridge: MIT Press, 1997.

RUBIN, Meirav *et al.* Considering the role of human empathy in AI-driven therapy. *JMIR Mental Health*, Washington: JMIR Publications, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.2196/56529>. Acesso em: 21 fev 2025.

SLOMAN, Aaron. Review of *Affective Computing*. Birmingham: *AI Magazine*, 1999. Disponível em: <https://cogaffarchive.org/Sloman.picard.review.pdf>. Acesso em: 10 fev. 2025.

TAVORY, Tal. Regulating AI in mental health: ethics of care perspective. *JMIR Mental Health*, Washington: JMIR Publications, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.2196/58493>. Acesso em: 20 fev. 2025.